

A Comunhão Trinitária como Fundamento da Ação Missionário-Pastoral das Igrejas Cristãs junto às tribos urbanas de rosto *underground**

*Julio Cezar de Paula Brotto*¹

RESUMO

Este artigo pretende apresentar a Comunhão Trinitária como fundamento missionário-pastoral para as Igrejas Cristãs diante do desafio eclesial denominado de tribos urbanas de rosto *underground*. Propõe que as Igrejas Cristãs que estiverem motivadas pelo fundamento da Comunhão Trinitária, pela demonstração de três valores relacionados ao Deus tri-unitário, abrirão um canal comunicacional para falar do Deus Cristão para as pessoas de vivência nas tribos urbanas de rosto *underground*. Os valores, solidariedade, compaixão e diálogo, presentes na Comunhão Trinitária são imprescindíveis para as Igrejas Cristãs como fundamento de uma ação missionário-pastoral que pretenda apresentar Deus e ofereça a proposta de vivenciar um cristianismo maduro em ambiente urbano de rosto *underground*.

PALAVRAS-CHAVE

Tribos Urbanas. *Underground*. Comunhão Trinitária.

* O tema deste artigo está interligado ao tema da tese de doutorado do autor, em andamento junto ao Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, orientada pelo Dr. Joel Portella Amado.

¹ Doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Teologia Prática pela Escola Superior de Teologia em São Leopoldo. Bolsista da CAPES.

ABSTRACT

This article presents the Trinitarian Communion as the foundation for the missionary-pastoral action for the Christian Churches challenged by the underground urban tribes. It proposes that the Christian Churches must be motivated by Foundation of Trinitarian Communion and demonstration of the three values related to tri-unit God will open a communicational channel for talking about the Christian God for underground urban tribes people. The values, solidarity, compassion and dialogue present in the Trinitarian Communion are essential to the Christian Churches in support of a missionary-pastoral action that intends to present God and offer the proposal to experience a mature Christianity in urban underground environment.

KEYWORDS

Urban Tribes. Underground. Trinitarian Communion.

Introdução

A urbanização é um marco significativo no mundo inteiro e também no Brasil. O Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostra que a população brasileira está mais urbanizada que há 10 anos. Em 2000, 81% (oitenta e um por cento) dos brasileiros viviam em áreas urbanas, e em 2010 saltou para 84% (oitenta e quatro por cento)². As regiões metropolitanas crescem consideravelmente, estendendo-se por dimensões extensas, com aglomerados urbanos muitas vezes sem nenhuma infraestrutura. Nestes aglomerados urbanos encontramos pessoas em busca de casa, emprego e condições dignas de vida. São pessoas em busca de pertencimento.

O ser humano, vivendo em ambiente urbano, enfrenta em certa medida uma esquizofrenia provocada pelo processo de urbanização. “A esquizofrenia de comportamento se revela dramaticamente no anonimato.

² IBGE. **Primeiros resultados definitivos do Censo 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1>. Acesso em: 02 nov. 2011.

Os homens não são tratados como pessoas, em sua totalidade, mas artificialmente, pelas funções que os caracterizam naquele momento”³. A fragmentação social transformou os grandes centros urbanos em verdadeiros universos de tribos com os rostos distintos e em busca de suas próprias respostas. No contexto urbano as pessoas unem-se em torno de objetivos comuns formando tribos geralmente caracterizadas pelo seu modo de vestir, falar, agir, posturas ideológicas e políticas.

Como falar de um Deus tri-unitário, assim entendido, interpretado e apresentado pelas Igrejas Cristãs, esse Deus Cristão, nestes tempos caracterizados como pós-modernos? Como apresentar esse Deus tri-unitário especificamente para pessoas vinculadas com tribos urbanas? Como promover uma ação missionário-pastoral junto às pessoas de vínculo com tribos urbanas de rosto *underground*? Percebendo que as pessoas ligadas às tribos urbanas de rosto *underground* não são, de forma geral, ainda que alguns segmentos estejam voltando seus olhos para elas, alcançadas pelas Igrejas Cristãs nas suas atividades missionário-pastorais, em função de diversos fatores que não serão analisados neste artigo, permanecendo o tema em aberto para outra reflexão, pretende-se apresentar a Comunhão Trinitária como fundamento missionário-pastoral para as Igrejas Cristãs diante deste novo desafio eclesial: tribos urbanas de rosto *underground*⁴.

As Igrejas Cristãs precisam, motivadas pelo fundamento da Comunhão Trinitária, demonstrar três valores, intrinsecamente relacionados ao Deus tri-unitário se tiverem dispostas a falar de Deus para as pessoas de vivência nas tribos urbanas de rosto *underground*: solidariedade, compaixão e diálogo. Esses valores presentes na Comunhão Trinitária são imprescindíveis para as Igrejas Cristãs como fundamento de uma ação missionário-pastoral que pretenda apresentar Deus e ofereça a proposta de vivenciar um cristianismo maduro em ambiente urbano de rosto *underground*.

³ GRINGS, Dadeus. **A evangelização da cidade: o apostolado urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 48.

⁴ No mestrado fiz um estudo de caso da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*. Disponível em: <http://tede.est.edu.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2010-09-15T061950Z-221/Publico/brotto_jcp_tm220.PDF>. Acesso em: 11 jun. 2014.

Considerações sobre a contemporaneidade

A humanidade experimenta uma situação histórica que não pode ser considerada, nem ordinária, nem rara na sua história. A humanidade experimenta uma mudança de época. Não apenas uma época de mudanças aceleradas, mas uma mudança generalizada que afeta a vida como um todo. Não é um evento raro, porque a humanidade já experimentou mudança de época noutras ocasiões. Não é um evento ordinário, porque uma mudança de época não ocorre com frequência. De forma muito breve, é possível afirmar que a passagem do período medieval para o período moderno, nos séculos 15 e 16, foi a última ocasião que o Ocidente experimentou uma real mudança de época.

Agora, na passagem do período moderno para um novo período histórico, essa mudança de época tem sido apelidada de variadas formas. Esse novo período histórico, ainda de alguma forma vinculado à Modernidade, é nomeado a partir de critérios de definição da própria Modernidade. Pós-modernidade tem sido o termo mais comum para descrever esta mudança de época. Pós-Modernidade é hoje quase um chavão, que pode significar muitas coisas diferentes e até mesmo antagônicas. O termo foi difundido pelo sociólogo Zygmunt Bauman⁵.

As variadas compreensões acerca desta mudança de época que a humanidade vive apresenta uma época de incertezas que afeta a maneira como a humanidade lida com valores, costumes, tradição e crenças, anteriormente entendidos como estáveis, imutáveis, aparentemente eternos, e que impulsionavam a humanidade para o futuro. Não se pode falar mais de um pensamento único. Há diferentes diagnósticos e diferentes interpretações sobre esta mudança de época. O pluralismo contemporâneo promove a noção de que diferentes grupos possuem diferentes visões de mundo, sendo que nenhuma delas pode se julgar superior ou inferior às outras.

Considerações sobre as tribos urbanas

O termo *tribo urbana* foi criado pelo sociólogo francês Michel Maffesoli. É fundamental destacar que o termo é polêmico. O termo tribo

⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

urbana suscita muitas discussões entre os cientistas sociais, embora seja largamente usado pelos meios de comunicação social para designar a emergência de microgrupos, principalmente juvenis, nas metrópoles⁶. Segundo Maffesoli, são “diversas redes, grupos de afinidade e interesse, laços de vizinhança que estruturam nossas megalópoles”⁷. Muitas pessoas que estão vinculadas com tribos urbanas encontram seu significado existencial nos anos de 1960 até 1980, entendidos como contracultura. Theodore Roszak foi o criador da expressão *contracultura*. Analisando o movimento jovem, rebelde, dos anos de 1960, ele o declara contracultural⁸. O movimento contracultural logo foi associado ao termo *underground*, e assim “[...] se cruzaram e se enfeixaram, nos anos sessenta, ganhando o nome de contracultura ou de *underground*, isto é, subterrâneo”⁹.

Considerações sobre o *underground*

O termo *underground* (*subterrâneo*), analisado em sua origem, aparece em situações distintas. Na década de 1800 foi utilizado para identificar uma rede de rotas e esconderijos clandestinos e secretos, designada de *underground railroad* (*ferrovia subterrânea*), pela qual os escravos fugitivos nos Estados Unidos eram ajudados a alcançar os estados livres do norte e o Canadá em busca de liberdade, com o auxílio dos abolicionistas e aliados que eram simpatizantes da causa.

Foi usado para designar os movimentos de resistência a determinados regimes de governo. Durante a Segunda Guerra Mundial, na década de 1940 designava os movimentos de resistência secreta ao regime

⁶ PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. “**Tribos urbanas**”: produção artística e identidades. (Coords.) São Paulo: Annablume, 2004, p. 216.

⁷ MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 8.

⁸ ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 54.

⁹ CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil**: o *underground* através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970). Orientadora: Raquel Glezer. 2007. 248 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14052008-132129/>>. Acesso em: 26 jan. 2009. f. 13.

autoritário nazista e contra a ocupação inimiga na Europa. Referia-se às atividades secretas fundamentais para o sucesso destes movimentos de resistência¹⁰.

Na década de 1960 fazia referência a uma extensa rede de casas e grupos de aconselhamento usados para ajudar os jovens que se recusavam a participar da Guerra do Vietnã, oferecendo-lhes condições de fugirem para o Canadá. Também foi aplicado no período de 1970, ao movimento clandestino de pessoas e mercadorias, liderado pelo movimento indígena norte americano, que entravam e saíam das reservas indígenas.

Jean-Paul Sartre e Albert Camus, filósofos ligados ao movimento existencialista Parisiense, foram membros de um grupo de resistência Francesa durante a II Guerra Mundial e envolveram-se na publicação de jornais *underground*. Por sua vez Jack Kerouac e Allen Ginsberg, representantes da *beat generation* nos EUA nas décadas de 1940 e de 1950, foram influenciados pelos filósofos, artistas e poetas do Existencialismo Parisiense, dentre os quais Jean-Paul Satre e Albert Camus. Theodore Roszak entende que o poema de Allen Ginsberg intitulado *Howl* (Uivo)¹¹ pode ser interpretado como documento fundador do movimento contracultural ou *underground*¹².

O termo passa a ser usado para descrever culturas diferentes da cultura *mainstream* ou cultura dominante, tanto para aqueles que se consideram quanto para os que não se consideram contraculturais ou *underground*. Ao se falar sobre o movimento contracultural ou *underground*, é preciso ter em mente que este é um fenômeno é fragmentário e contraditório, e não pode ser reduzido a apenas uma de suas expressões. Afirmar que foi o desdobramento de uma única ideologia, nega as contradições ideológicas do movimento, o que seria uma simplificação. Também não se pode incorrer na tentativa de explicá-lo como o reflexo de um conjunto de ideias desconexas de um ou mais grupos que se autodenominam ou são denominados contraculturais ou *underground*.

¹⁰ BRIDGWATER, Willian; SHERWOOD, Elizabeth J. **The Columbia encyclopedia:** in one volume. 2. ed., New York: Columbia University Press. 1950.

¹¹ O poema na íntegra pode ser encontrado em: GINSBERG, Allen. **Uivo, Kaddish e outros poemas.** Tradução de Claudio Willer. 2. ed., Porto Alegre: L&PM, 2006.

¹² ROSZAK, Theodore. 1972, p. 76.

Além disso, é preciso enfatizar que o movimento contracultural ou *underground* não foi elaborado ou inventado nos EUA e difundido noutras partes do mundo. O movimento contracultural ou *underground* não pode ser identificado com um determinado território. Há uma diversidade de influências internacionais em diferentes manifestações contraculturais ou *underground*. As representações do movimento contracultural ou *underground* foram recontextualizadas em várias partes do mundo. As passeatas exigindo a retirada das tropas americanas do Vietnã em 1965, a Revolução Cultural Chinesa em 1966, o Festival Pop de Monterey em 1967, o Maio de 1968 na França e a Primavera de Praga em 1968; movimentos liderados pela juventude insatisfeita com o mundo em que viviam. A juventude se posiciona contra a repressão política, o capitalismo e o conservadorismo¹³.

O movimento contracultural ou *underground* também não pode ser visto apenas, ou simplesmente, como um estilo de vida que difere da cultura dominante, do *maistream*. A essência do movimento contracultural ou *underground*, como um fenômeno histórico, que pode ser datado historicamente, deve ser assinalado, indicando o poder do indivíduo para criar seu próprio estilo de vida, sem ter que aceitar a moral e as convenções da sociedade, quer sejam provenientes da cultura dominante, ou até mesmo, das subculturas. O movimento contracultural ou *underground* vem expressando-se através de manifestações de caráter filosófico, religioso, artístico e comportamentais. Dessa forma opõe-se não somente ao conteúdo da cultura dominante, isto é, aos valores e conceitos vigentes, mas muito fortemente ao discurso racional internalizado como atividade constitutiva da realidade objetiva. Três características do movimento contracultural ou *underground* são fundamentais: afirma a precedência da individualidade acima de convenções sociais e restrições governamentais; desafia o autoritarismo de forma óbvia, mas também de forma sutil; defende mudanças individuais e sociais¹⁴.

¹³ HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1995, p. 317-323.

¹⁴ GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. 2007, p. 47-49.

A Comunhão Trinitária como fundamento de uma ação missionário-pastoral

As tribos urbanas de rosto *underground* estão inseridas na herança cultural produzida pela urbanização. Fugir à herança cultural das tribos urbanas de rosto *underground* não é um caminho adequado ou desejável para as Igrejas Cristãs. Esta herança não deve ser recebida, nem de maneira passiva, nem rejeitada, ou destituída de seu valor. Precisa ser interpretada e reinterpretada, lida e relida, o que tornará possível inseri-la por completo em um projeto de ação missionário-pastoral cheio de significados. “Hoje se fala, de modo cada vez mais insistente, da evangelização da cultura”¹⁵. É preciso ir até onde estão as demandas da sociedade. É fundamental alcançar as tribos urbanas de rosto *underground* no ambiente onde elas se encontram, na cidade. As Igrejas Cristãs não podem ter receio de envolver-se com uma cultura diferente da sua.

No campo das relações econômicas e sociais, onde no dia a dia o escândalo produzido pelo distanciamento entre pobres e ricos se aprofunda, é fundamental para as Igrejas Cristãs apropriarem-se da Comunhão Trinitária como fundamento missionário-pastoral para falar de Deus para as tribos urbanas de rosto *underground*. Para realizar uma ação missionário-pastoral entre as tribos urbanas de rosto *underground* é fundamental enfrentar a realidade concreta. É necessário fazer uma leitura dos tempos históricos procurando distinguir na história humana concreta os sinais de “[...] uma verdade radicalmente histórica”¹⁶.

As minorias fortalecem suas peculiaridades e identidades. Isto provoca no espaço urbano uma enorme diversidade cultural, que gera um conflito cultural sem precedentes. “O mundo mudou e a mudança foi institucionalizada”¹⁷. A própria contracultura mudou. A contracultura que se orientava e gravitava em torno da contestação, de um discurso político-ideológico, transformou-se quase que numa busca de satisfação

¹⁵ GRINGS, 2004, p. 51.

¹⁶ VATTIMO, Gianni. **Para além da interpretação**. O significado da hermenêutica para a filosofia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999, p. 19.

¹⁷ DUQUE, José. 2000. Do passado para o presente: um balanço da teologia da libertação: contexto, contribuições. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). **Sarça ardente**: teologia na América Latina. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 20.

peçoal. As utopias do passado foram aos poucos sendo substituídas por liberdades no cotidiano. As causas nobres e comuns que uniam e mobilizaram jovens de diversas partes do mundo em forma de movimentos de protesto e contestação já não existem.

O fundamento da Comunhão Trinitária pode ajudar as Igrejas Cristãs a oferecerem uma proposta de vivenciar a Fé Cristã de maneira madura, em ambiente urbano e de rosto *underground*, pois o fundamento da Comunhão Trinitária traz em seu espírito comunal as chaves para este falar de Deus. A Bíblia destaca a Comunhão Trinitária em eventos onde o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão presentes. Estão, os três, presentes na Encarnação de Jesus (Mt 1:18), no Batismo de Jesus (Lc 3:21-22), nas tentações enfrentadas por Jesus no deserto (Lc 4:1-13), e nas ações libertadoras de Jesus junto ao povo oprimido (Mt 11:1-5; Lc 4:14-21).

Como mostram as Escrituras, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três Sujeitos que dialogam entre si, se amam, se relacionam intimamente. Cada pessoa é para as outras Pessoas, jamais somente para si, é com as outras Pessoas e nas outras Pessoas. O amor eterno que as pervade e constitui, as une numa corrente vital tão infinita e completa que emerge a unidade entre elas¹⁸.

A Fé Cristã crê na Trindade que atua em comunidade por causa da comunhão. Pai, Filho e Espírito Santo existem em comunhão como expressão da vida e do amor em sua plenitude. Jesus vem da parte do Pai, acompanhado pelo Espírito para trazer esta plenitude de vida: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (João 10:10). “Sob o nome de Deus devemos entender, portanto, sempre a Trindade, a Trindade como união do Pai, do Filho e do Espírito Santo”¹⁹. Para explicar esta comunhão Leonardo Boff descreve de maneira singular a Trindade.

Se Deus fosse um só haveria a solidão e a concentração na unidade e unicidade. Se Deus fosse dois, uma díade (Pai e Filho somente), haveria a separação (um é distinto do outro) e a exclusão (um não é o outro). Mas Deus é três, uma Trindade. O três evita a solidão, supera a separação e ultrapassa exclusão. A Trindade permite a identidade

¹⁸ BOFF, Leonardo. **A trindade, a sociedade e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 175.

¹⁹ BOFF, 1986, p. 15.

(o Pai), a diferença de identidade (o Filho) e a diferença da diferença (o Espírito Santo). A Trindade impede um frente-a-frente do Pai e do Filho, numa contemplação “narcisista”. A terceira figura é o diferente, o aberto a comunhão. A Trindade é inclusiva, pois une o que separava e excluía (Pai e Filho). O uno e o múltiplo, a unidade e a diversidade se encontram na Trindade como que circunscritos e reunidos. [...] Por ser uma realidade aberta, esse Deus trino inclui também outras diferenças; assim o universo criado entra na comunhão divina²⁰.

A Trindade serve de fundamento para as Igrejas Cristãs atuarem na libertação e na reconstrução da cidade e conseqüentemente das tribos urbanas de rosto *underground* com o objetivo de falar de Deus de maneira inculturada. Pelo fato de ser a Trindade uma comunhão perfeita, ao vocacionar as Igrejas Cristãs a uma ação missionário-pastoral, esta comunhão perfeita será inspiradora para a promoção de relacionamentos saudáveis entre os seres humanos, espelhado nas relações saudáveis trinitárias. “A comunidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo significa o protótipo da comunidade humana sonhada pelos que querem melhorar a sociedade e assim construí-la para que seja à imagem e semelhança da Trindade”²¹.

O modelo relacional vigente entre os seres humanos é acentuado por dois grupos distintos e desiguais: uma maioria que exerce o poder opressoramente, e uma minoria oprimida por este poder. Às tribos urbanas de rosto *underground* as Igrejas Cristãs precisam oferecer dignidade humana para desfrutar de uma relação de comunhão com este Deus tri-uno. Isto só será possível mediante o conhecimento da Comunhão Trinitária.

Ninguém (nem a pessoa nem a sociedade) subsiste sem uma referência para cima e sem a memória de sua origem (o Pai); da mesma forma ninguém (pessoal e socialmente) vive sem alimentar relações para os lados e sem cultivar a fraternidade (o Filho); finalmente, não há pessoa nem sociedade que possam se estruturar sem respeitar a dimensão pessoal e se animar a interioridade humana (o Espírito Santo), onde se elabora a criatividade e se projetam as utopias transformadoras da história²².

²⁰ BOFF, 1986, p. 13-14.

²¹ BOFF, 1986, p. 17.

²² BOFF, 1986, p. 28.

A comunhão experimentada pelas Pessoas da Trindade não deve ficar restrita exclusivamente à Trindade. Essa comunhão convoca as Igrejas Cristãs a um movimento de abertura para sua própria inserção na Comunhão Trinitária. O evangelista João registra na Oração Sacerdotal de Jesus, (Jo 17:21-23), este propósito para a participação dos discípulos de Jesus assumirem seu papel na comunhão da Trindade. As Igrejas Cristãs são vocacionadas para o desempenho de sua ação missionário-pastoral por esta Comunhão Trinitária.

Considerações finais

O fundamento da Comunhão Trinitária oferece três valores, que as Igrejas Cristãs são convocadas a demonstrar de forma geral para toda a sociedade e especificamente para as tribos urbanas de rosto *underground*. Estes valores farão diferença no desenvolvimento de uma ação missionário-pastoral que se preocupa com o outro. Para uma vivência da Comunhão Trinitária, as Igrejas Cristãs, precisam cultivar os valores da solidariedade, da compaixão e do diálogo. Como não é o objetivo deste artigo trabalhar exaustivamente os três valores, uma breve apresentação dos mesmos será apresentada como reflexão a ser amadurecida.

Solidariedade: Entre os diversos significados da palavra, dois aspectos, quase sempre estão presentes nas acepções da palavra. A imagem de um vínculo, relacionamento estreito, entre várias partes e a noção de responsabilidade para com o outro, no sentido de socorrer o debilitado, de restaurar sua dignidade e promover sua inclusão.

O batismo de Jesus é um mergulho simbólico de solidariedade com a humanidade pecadora. A humilhação e a dor que esse ato de solidariedade redentora implica são previstas quando Jesus é aclamado como o sacrificial “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1.29)²³.

Assim como a Trindade que se dispôs a correr, e continua correndo todos os riscos pela humanidade, as Igrejas Cristãs são convocadas

²³ GEORGE, Sherron Kay. **Participantes da graça:** parceria na missão de Deus. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006, p. 20.

a exercerem uma ação missionário-pastoral que esteja disposta a correr riscos para oferecer esperança. “A esperança sustenta e direciona a vida. É como o ar que se respira – sem ela não há vida. A esperança está permeada de utopia que impulsiona para frente, que leva a arriscar algo novo”²⁴. As Igrejas Cristãs são chamadas por Jesus, para proteger e nutrir, para oferecer esperança, ainda que seja rechaçada no seu intento. Solidariedade é a fonte visceral, o motor emocional que impele o espírito sensível para acompanhar uma ação pastoral urbana direcionada especificamente para as tribos de rosto *underground*.

Essa solidariedade é vista no ministério de Jesus. Ele se envolve com as pessoas e suas dores. Jesus é a encarnação da solidariedade de Deus por nós. E o que pode haver de mais solidário nisto? Deus, através da kénosis, entendida como abaixamento, como enfraquecimento, faz-se homem, entra na história e no mundo, torna-se carne em Cristo, sofre, morre²⁵. “Deus redime e em Cristo serve ao mundo por meio do amor e da solidariedade incondicionais”²⁶.

Compaixão: Compaixão não é sentir pena ou dó das pessoas. Uma ação missionário-pastoral a partir da Comunhão Trinitária apenas fará sentido se tiver como ponto de partida a compaixão entendida à luz do Deus tri-uno. “Compaixão não é sentir pena ou sentir-se responsável por outras pessoas. É interiorizar suas dores”²⁷. Sentir dores como a mulher sente dores no parto. “Como o útero, a compaixão significa proteção e nutrição [...]”²⁸. As Igrejas Cristãs são vocacionadas pela Comunhão Trinitária a proteger e nutrir ainda que seja rechaçada no seu intento. “Compaixão [...] é a fonte visceral anteposta, o motor emocional que impele, o espírito sensível que acompanha a prática da missão de Deus”²⁹.

²⁴ BEULKE, Gisela. **Diaconia:** um chamado para servir. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 19.

²⁵ VATTIMO, 1999, p. 75.

²⁶ ZWETSCH, Roberto E. **Missão como com-paixão:** por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 142.

²⁷ GEORGE, 2006, p. 63.

²⁸ MAY, Roy H. **Discernimento moral:** uma introdução à ética cristã. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 74.

²⁹ GEORGE, 2006, p. 60.

Diálogo: A Trindade é dialogal. A partir do diálogo que a Trindade desenvolve entre as Pessoas do Pai, do Filho e do Espírito, há uma convocação para uma ação missionário-pastoral dialogal. O diálogo é um valor extremamente importante para o ser humano. No diálogo trinitário encontramos aportes para o diálogo humano ocorrer em sua plenitude. Dialogar é assumir uma postura de escuta. É uma busca intencional de nos sintonizarmos com o outro e em prol do outro. A humanidade é plural. O diálogo das Igrejas Cristãs deve ser plural; deve partir do diálogo que a Comunhão Trinitária oferece. As tribos urbanas de rosto *underground* têm uma característica plural. As Igrejas Cristãs precisam ter abertura para este novo, como a Trindade está aberta ao novo das Igrejas Cristãs em todo o tempo. As Igrejas Cristãs são chamadas a colaborar numa ação missionário-pastoral que dialogue ao invés de impor sua fé. O diálogo é crucial nesses tempos de mudança de época. O diálogo pressupõe acolhimento. Acolhimento fala de inclusividade. As demandas urbanas exigem novos espaços de acolhimento inclusivos que não podem reduzir-se apenas aos espaços paroquiais. Será necessário acolher as tribos urbanas de rosto *underground* nos locais públicos onde se reúnem as bandas.

Resta as Igrejas Cristãs serem sensíveis à Trindade e deixarem-se invadir por esta Comunhão Trinitária. As Igrejas Cristãs buscam a utopia do estabelecimento do Reino de Deus entre os seres humanos. A inspiração para a implantação dessa utopia junto às tribos urbanas de rosto *underground* pode ser alcançada se as Igrejas Cristãs estiverem dispostas a substituir seu rosto *institucional* por um rosto solidário, compassivo e dialogal.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BEULKE, Gisela. **Diaconia: um chamado para servir**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- BOFF, Leonardo. **A trindade, a sociedade e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BRIDGWATER, Willian; SHERWOOD, Elizabeth J. **The Columbia encyclopedia: in one volume**. 2. ed., New York: Columbia University Press. 1950.

- CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil: o *underground* através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970)**. Orientadora: Raquel Glezer. 2007. 248 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14052008-132129/>>. Acesso em: 26 jan. 2009. f. 13.
- DUQUE, José. 2000. Do passado para o presente: um balanço da teologia da libertação: contexto, contribuições. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). **Sarça ardente: teologia na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 2000.
- GEORGE, Sherron Kay. **Participantes da graça: parceria na missão de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006.
- GINSBERG, Allen. **Uivo, Kaddish e outros poemas**. Trad. Claudio Willer. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- GRINGS, Dadeus. **A evangelização da cidade: o apostolado urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.
- IBGE. **Primeiros resultados definitivos do Censo 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1>. Acesso em: 02 nov. 2011.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- MAY, Roy H. **Discernimento moral: uma introdução à ética cristã**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.
- PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. **“Tribos urbanas”: produção artística e identidades**. (Coords.) São Paulo: Annablume, 2004.
- ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972.
- VATTIMO, Gianni. **Para além da interpretação**. O significado da hermenêutica para a filosofia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- ZWETSCH, Roberto E. **Missão como compaixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.